

MARIA JOÃO REBELO - ATELIER LOCAL

# CASA EM ANCEDE

## RESUMO

O motivo pelo qual nos candidatamos ao Prémio Jovens Arquitectos 2024 prende-se com a vontade de partilhar os resultados do trabalho que realizamos até agora, nos primeiros cinco anos de atelier. Esta forma de comunicar tem a vantagem de o fazer num duplo sentido. Por um lado, comunicando com os pares, de forma a obter um feedback que diz respeito à condição disciplinar do projecto. Por outro lado, comunicando com as restantes agentes ligados ao sector da construção (incluindo aqueles que encomendam a arquitetura) por forma a aferir a sua pertinência no actual contexto sócio-económico. Estamos convencidos que num momento em que as condições de produção da arquitetura se têm vindo a transformar a um ritmo acelerado, afectado por motivos económicos ou ecológicos que lhe são muitas vezes externos, estamos convictos que o projecto que aqui apresentamos pode representar um contributo relevante a esse propósito.

## DESCRIÇÃO

Existia uma ruína de pedra e a perspectiva de construir uma extensão de 300 m<sup>2</sup>. Após uma série de incêndios florestais, o terreno integrou uma reserva ecológica nacional e isso deixou de ser possível. A ruína era demasiado pequena, mas um desfasamento entre realidade material e jurídica permitiu ampliar a implantação de 35 para 60m<sup>2</sup>. O suficiente

para conter as infraestruturas em falta. Propôs-se a reconstrução, deslocando duas paredes para obter o espaço suplementar. No espírito ecológico pressuposto, o telhado, as lajes e os caixilhos deveriam ser produzidos em madeira e as paredes exteriores isoladas com cortiça.

O tempo longo da arquitetura fez o projecto atravessar uma pandemia, uma obstrução do Suez e várias guerras. Aliando-se à escassez de mão de obra qualificada em Portugal, o desenho original tornou-se impossível e foi reformulado conforme as condições de um empreiteiro local. A forma manteve-se, mas a construção tornou-se a possível: uma estrutura em betão, bloco térmico e MDF hidrófugo, revestidos com uma camada de tinta ou verniz. Produzidos para ficar escondidos, os materiais foram utilizados "como encontrados" e "como são", ao espírito dos Smithsons ou de Sakamoto. Os caixilhos de alumínio foram escolhidos de um catálogo, subvertidos apenas por uma cor vivida. Todas as pedras da ruína foram reutilizadas em novos muros de suporte.

Os desenhos apresentados reflectem não tanto o projeto original, mas o que de certa forma foi "desenhado" por outros, sob orientação dos arquitectos. Isto inverte o seu significado, desvelando o sentido compositivo de uma construção, de outro modo, ordinária. A riqueza espacial resulta da sua economia, traduzida numa maximização do gesto mínimo. Perante questões sócio-políticas macroscópicas como a economia e a ecologia, a arquitetura pouco mais pode fazer do que contribuir para uma definição mais generosa desse mínimo.

